

Chás-revelação: espetáculo, excentricidade e cores na produção da heterossexualidade

Tea parties-revelation: spectacle, eccentricity and colors in the production of heterosexuality

Eliézer Reis VICENTE¹

Resumo

Ancorados nos Estudos de Gênero e nos Estudos Feministas, sob a ótica de uma perspectiva *pós-estruturalista* este artigo objetiva discutir sobre como se dá o processo de cis-heteronormatização dos corpos a partir dos chás-revelação. Discutimos na excentricidade das cores rosa ou azul que demarcam os gêneros, feminino ou masculino, – “é um menino ou uma menina?” –, e as construções de expectativas sobre esse corpo comprovam tal generificação. Pensamos também esse ritual como um espetáculo, amparados pelas contribuições de Guy Debord (2003). Nesse ínterim evidenciamos que apesar dos diferentes modos que tais espetáculos podem se utilizar para a pressuposição de um gênero a partir da noção de sexo biológico, a lógica que sustenta a sua existência é mesma: a (de)limitação de fronteiras existenciais que tomam como base de apoio, o discurso da suposta “normalidade” cis-heterocentrada.

Palavras-chave: Chás-revelação. Excentricidade. Espetáculo. Rosa. Azul.

Abstract

Anchored in Gender Studies and Feminist Studies, from a post-structuralist perspective, this article aims to discuss how the process of cis-heteronormatization of bodies occurs from the viewpoint of the tea-revelation. We discuss the eccentricity of the pink or blue colors that demarcate the genders, feminine or masculine - "is it a boy or a girl?" -, and the constructions of expectations about this body prove such generification. We also think of this ritual as a spectacle, supported by the contributions of Guy Debord (2003). Meanwhile, we show that despite the different ways that such spectacles can be used for the presupposition of a gender from the notion of biological sex, the logic that sustains its existence is the same: the (de)limitation of existential boundaries that are based on the discourse of the supposed cis-hetero-centered "normality".

Keywords: Tea-revelation. Eccentricity. Spectacle. Pink. Blue.

Introdução

“É um menino ou uma menina?”. Socialmente, pergunta-se sobre o sexo do bebê, mas parece haver necessidade de o quanto antes, saber sobre o gênero da vida que está

¹ Doutorando em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM/UFG). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: eliezervicente@gmail.com

por vir, decidir logo um nome, – masculino ou feminino – mas, além disso, uma cor e hoje, preparar o espetáculo.

Surgiu recentemente o chá-revelação e tornou-se moda entre as futuras mães: É menino ou menina? Os chás de bebê têm se tornado cada vez mais, grandes eventos, com direito a decoração profissional, bufê, lembrancinhas caprichadas, tudo para dar boas vindas ao bebê que ainda nem nasceu e reunir gente que anseia em saber o seu sexo, no meio de toda excentricidade de cores, um verdadeiro espetáculo. Desde então, tornou-se, uma ocasião social, que, de acordo com Goffman (2010, p. 139), “pode ser visto como um arranjo que abre aquele que ocupa engajamentos com certas categorias de outros”, ou seja, apresenta elementos que antecipam e condicionam comportamentos esperados em lugares públicos. Desse modo, há toda uma preparação *espetaculista*. Logo, esse espetáculo não é aleatório, há uma organização prévia que apresentam um processo ritual em que “cada indivíduo está comprometido com um comportamento altamente estereotipadas [e] ritualizadas” (TURNER, 1999, p. 71).

Mediante a generificação desse bebê, há uma construção de expectativas sobre o corpo. “Terá um enxoval azul ou rosa? Brincar com carrinhos ou com bonecas? Frequentará escolinha de futebol ou de balé? Terá interesse por dinossauros ou por panelas? Cursará Direito ou Odontologia? Aproveitará a juventude e a solteirice ou se casará aos 20 anos?” (BALISCEI, 2022, p. 30). Tais questionamentos parecem fazer uma sondagem do futuro dessa criança generificada e sublinham a necessidade que o heteroterrorismo impõe de aniquilação do ‘outro’.

É menino ou menina? Anunciam nesses chás diante do biológico um dos dois únicos gêneros possíveis para essa criança. As cores, rosa ou azul, predominam e fazem referências aos sexos, feminino ou masculino – acompanhado de diversos estereótipos sobre o “ser menina” ou o “ser menino”. Conforme coloca Berenice Bento (2011), esses corpos, obedecerá, então, a lógica vulva-mulher-feminilidade se opondo ao pênis-homem-masculinidade. Percebemos que por meio dos chás-revelação já são cristalizados práticas e discursos para a manutenção das normas que regularão os gêneros dos bebês, no sentido de vigiá-los para que se encaixem dentro da perspectiva dos “gêneros inteligíveis”, que dizem respeito aos corpos que apresentarão relação e coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, conforme pontua Butler (2003). A partir disso, tomamos a discussão de Paul Preciado (2020) que é por meio da criança que se normalizará o adulto responsável por naturalizar essa norma. Existe uma vigilância nos

berços na tentativa de conversão destes corpos em sujeitos que vivam sua sexualidade dentro da heterossexualidade.

Em 1975, um estudo conhecido como “Baby X”, em que um bebê era vestido alternadamente de azul ou rosa e recebia o nome de um menino ou menina antes de ser entregue a um adulto para cuidados, descobriu que, desde o momento em que uma criança nasce – talvez até antes – a percepção do gênero dessa criança afeta a forma como ela é tratada. O estudo relatou que para os bebês vestidos de rosa, os adultos deram a eles uma boneca e trataram o bebê com mais cuidado e presumiram que eles estavam “chateados” se chorassem. Bebês vestidos de azul eram tratados de maneira mais rude, recebiam caminhões para brincar e ficavam “com raiva” se choravam. Nos seguintes anos, o estudo provou que essa discrepância pode afetar a fisiologia de uma criança. Por que, então, em 2024, colocamos continuamente tanta importância no gênero de um bebê?

No horizonte dessa discussão, ancorados nos Estudos de Gênero e nos Estudos Feministas, sob a ótica de uma perspectiva *pós-estruturalista*, e por meio das discussões sobre *A sociedade do espetáculo* de Guy Debord (2003), objetivamos discutir sobre como se dá o processo de cis-heteronormatização dos corpos a partir dos chás-revelação. A forma do texto, conforme escreveu Adorno na década de 1950, se estrutura “como se pudesse a qualquer momento, ser interrompido”, permitindo encontrar uma leitura da realidade a partir de suas contradições e fraturas, ao invés de “aplainar a realidade fraturada” (ADORNO, 2003, p. 35). Destarte, o texto se constitui em um encontro inicial, que, em um futuro próximo ou distante, podem ser desdobradas, aprofundados e/ou abandonados. Com isso, salientamos que o intuito ainda não é realizar uma análise que enquadre o fenômeno estudado como sendo isso ou aquilo, dentro de um quadro teórico-epistemológico mais amplo, por ora, buscamos tatear o chá-revelação como uma ocasião que é atravessada por construções sociais e econômicas que nos possibilita a criação de pistas investigativas.

Cores que descobrem: produzindo heterossexualidade

Na esteira de pensar os gêneros e sexualidades como performatividades, posicionalidades, existências [...], problematizamos o orquestramento das definições que se escrutinam as genitálias desde os exames. A criança que está por vir já tem nome, sexo, sexualidade, enxoval, quarto, brinquedos, às vezes um casamento definido e toda a sorte

de marcadores de gêneros amparados na possibilidade de nascer e ser/estar homem ou mulher, imersos em projetos de *masculinização dos meninos* e projeto de *feminilização das meninas*, como denomina Baliscei (2020) em seus estudos, a fim de adequá-los às normas binárias, cisgênero e heterossexuais vigentes, que conforme explica Letícia Nascimento (2021, p. 19) “[...] não somos naturalmente generificados”, ao contrário “[...] há um processo de produção de nós, de nossos gêneros, de nossos corpos”, ou seja, existe uma produção de heterossexualidade.

Aos marcadores de gênero e suas variadas possibilidades fomentam, hoje, a prática dos chás-revelação. É menino ou menina? Só parecem existir duas cores: Rosa, se for menina; Azul, se for menino. Conforme escreve Couto Jr. *et.al* (2020, p. 472), “Uma das características mais notáveis dessas produções é a insistente correlação entre menino-azul e menina-rosa, evidenciando uma normatização binária que demarca o enquadramento dos gêneros em atributos culturalmente construídos”. Gênero à vista! Espetáculo(s): estourar balões, cortar bolo, abrir caixas, misturar líquidos, acionar fumaças são algumas das ações a partir das quais o sexo da criança não nascida é “descoberto”. Explosões de rosa ou azul, no sentido mais belicoso e literal quando temos contato com notícias, como a do pai que provocou um incêndio florestal ao disparar conta os alvos que revelariam o sexo da criança, conforme apresenta a Figura 1, abaixo.

Figura 1 – Chá-revelação de sexo de bebê termina em incêndio florestal de uma semana



Fonte: plataforma Hypheness²

² Disponível em: <https://www.hypheness.com.br/2018/11/cha-de-revelacao-de-sexo-de->

As práticas sexuais e os modos de como os sujeitos vivenciam (ou não) seus prazeres sexuais foram socialmente delegados para o âmbito do privado e do íntimo, recorrem ao *gênero* para produzir heterossexualidades. “As reiteraões que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica” (BENTO, 2011, p. 551).

Judith Butler (2000) registra que desde o nascimento, são impostos aos sujeitos determinados papéis que devem ser seguidos, obedecendo a uma lógica cis-heteronormativa. Em relação ao conceito de heteronormatividade, a filósofa apresenta-o como o processo de regulação da prática heterossexual, prescrita aos corpos como uma norma imposta não somente pela cultura, mas também pela biologia, no sentido de ser uma ordem compulsória de combinação entre sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2003). Com isso, todas as outras formas de identidades e sexualidades são vistas como uma dispersão à norma, excentricidades que precisam ser reintegrados à normatização. O corpo feminino sempre irá corresponder a um corpo que contém uma biovagina, e um corpo masculino com um corpo que contém um biopênis (PRECIADO, 2018).

Guacira Lopes Louro (2000) salienta que, nesse processo, apenas uma forma de sexualidade se apresenta como possível, sendo reconhecida como um padrão de referência para todas as pessoas. A autora questiona se a heterossexualidade fizesse parte da natureza intrínseca do ser humano, qual seria o motivo de todo esse investimento para uma rigorosa vigilância na manutenção dessa heterossexualidade? Bento (2011) explica que é nas instituições sociais, como a família, igreja, escola e a ciência, por meio de contínuas repetições, que a sociedade vê formas de materializar, nos corpos, as verdades em relação aos gêneros. Michel Foucault (1998) categoriza o conceito de sexualidade como um “dispositivo histórico”, afirmando que ela é uma invenção social, que foi sendo construída, reforçada e repetida historicamente por meio dos discursos de legitimação.

Diante dessa discussão, vale pensar na necessidade de normatização dos corpos que há por trás dos discursos dos chás-revelação. Nessas festas, estão inclusos diversos estereótipos sobre os papéis sociais a serem desempenhados por essas crianças, manifestados, desde bebês, quando, por exemplo, ao menino são associados a cor azul e brinquedos que remetem ao campo público, como carrinho, bola e esportes, e à menina

-bebe-termina-em-incendio-florestal-de-uma-semana/. Acesso em 19 de ago. 2022.

são atribuídos a cor rosa e brinquedos ligados ao privado como casinha, bonecas e utensílios domésticos. Preciado (2002) aduz que ao se dar a notícia “é um menino ou uma menina”, criamos expectativas e geramos suposições em como será o futuro desse corpo que passará a ter visibilidade a partir da resposta dessa notícia. Dessa maneira, aqueles e aquelas que não se enquadram nessas idealizações, passam a ser invisibilizados e considerados ignóbeis pela lógica da cis-heterormatividade, como se não tivessem direito de festejar os seus gêneros, seus corpos e suas sexualidades.

Os chás-revelação na sociedade do espetáculo: à luz de Guy Debord

Quando o assunto é chá-revelação, o arranha-céu é o limite. Mais um chá-revelação ganhou proporções maiores que a de uma comemoração familiar para entrar nos noticiários. Os *youtubers* Anas Marwah e Asala Maleh descobriram que seriam pais de um menino por meio de uma projeção no prédio *Burj Khalifa*, o mais alto do mundo. Os influenciadores digitais compartilharam “a maior revelação de bebê de todos os tempos” (Figura 2). A transmissão do espetáculo fez uma contagem regressiva, mostrou linhas e corações até cobrir a estrutura do *Burj Khalifa* com luzes azuis e exibir a mensagem “It’s a boy!” (É um menino!) e parabenizar a família. O edifício, que tem 828 metros e fica localizado em Dubai, nos Emirados Árabes, publicou um vídeo sobre o evento: “A grande notícia não pode ser maior do que isso, já que o prédio mais alto do mundo se ilumina para fazer a maior revelação de gênero de todos os tempos”, diz no *Twitter* a conta oficial da construção.

Publicado no canal *Anasala Family* no *YouTube*, o vídeo ultrapassou a marca de 18 milhões de visualizações na plataforma. A comemoração também foi compartilhada nas redes sociais dos influenciadores, que já têm uma filha, chamada Mila. Algumas publicações internacionais especularam qual o custo de uma festa dessas: o equivalente a cerca de R\$ 500 mil reais. Ao site americano *Insider*, entretanto, o casal negou que tenha pago qualquer quantia pelo excêntrico chá-revelação.

Figura 2 – Os influenciadores Anas e Asala Marwah anunciaram sexo do bebê no prédio mais alto do mundo, em Dubai.



Fonte: plataforma Crescer³

“E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser” (FEUERBACH *apud* DEBORD, 2003, p. 13). Essa passagem, retirada do prefácio da segunda edição de *A essência do cristianismo* de Ludwig Feuerbach e escolhida por Guy Debord para introduzir o livro *A sociedade do espetáculo* de 1967, pode soar como uma afirmação óbvia e até mesmo banal se for lida por olhares desatentos. Especialmente quando esses olhares estão submetidos à perspectiva enviesada de uma sociedade saturada pela desenfreada renovação hipertecnológica característica dos séculos XX e XXI e inundada por diversos tipos de imagens provenientes desse progresso técnico.

O crítico francês Guy Debord (2003), já na primeira tese da obra, mostra que na sua concepção o espetáculo está presente em toda a sociedade: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação” (DEBORD, 2003, p. 13).

Segundo o francês, a teatralidade e a representação reputaram totalmente a sociedade. Para o autor, o natural e o autêntico se tornaram ilusão. Ele define o espetáculo

³<https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2020/09/casal-de-youtubers-usa-maior-edificio-do-mundo-para-cha-revelacao.html>. Acesso em 02 de jan. 2023.

como não sendo um conjunto de imagens, “mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 2003, p. 14). Ao definir espetáculo, ele demonstra que, na sua concepção, as relações entre as pessoas não são autênticas, elas são de aparência. O crítico francês exprime também uma forte crítica ao espetáculo como sendo um resultado dos modos de produção existente. Na tese 6, o autor deixa claro que vê o espetáculo como um meio de dominação da sociedade e como uma forma de afirmação das escolhas já feitas na hora da produção. O espetáculo atua a favor do capitalismo e o consumo acaba sendo consequência. Com efeito, fica evidente no pensamento debordiano a ideia de que o público é alienado e passivo frente às investidas do espetáculo e que só lhe resta consumir as imagens e os produtos que lhe são oferecidos. Segundo o autor:

A sociedade que repousa sobre a indústria moderna não é fortuitamente ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente espetaculista. No espetáculo da imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenvolvimento é tudo. O espetáculo não quer chegar a outra coisa senão a si mesmo (DEBORD, 2003, p. 18, grifos do autor).

Guy Debord na tese 32 sublinha que o espetáculo é uma fábrica concreta de alienação e que a alienação do público alimenta o crescimento da economia. Dentro desta concepção, uma pessoa alienada tem seu pensamento facilmente moldado e acaba sendo um consumidor em potencial. Segundo o autor, “A expansão econômica é, sobretudo a expansão dessa produção industrial específica. O que cresce com a economia que se move por si mesma só pode ser a alienação que estava em seu núcleo original” (DEBORD, 2003, p. 24). Para ele, as artimanhas do espetáculo estão constantemente atuando na luta pela identificação de seus receptores com a sociedade de consumo. A alienação é o meio para esta constante identificação e o lucro é o fim primordial. Enquanto o capitalismo consegue lucros imensos, os públicos do espetáculo permanecem alienados. O autor destaca também que o espetáculo induz o homem apenas a dizer “sim” e a não duvidar das informações que recebe. A consciência humana e a capacidade do homem de pensar ficam submissas a um conjunto de influências que recebem do espetáculo. O espetáculo desvincula o espectador de sua própria história, de suas origens e de seu modo de pensar e agir.

O espetáculo, segundo o pensamento debordiano, tem sua estrutura baseada na aparência, mostrando somente “o que é bom”, que carece ser contemplado e o que vai despertar desejos de consumo no espectador. Ele imprime a aceitação passiva por parte

do público e transmite um efeito de circularidade, não deixando margens para réplicas: “O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’” (DEBORD, 2003, p. 16-17). O autor, em sua análise, também faz uma crítica ao foco generalizado do “parecer”, o qual é cultuado no momento em que a vida social deixou de ser autêntica e se transformou em simples imagens:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda a realização humana, uma evidente degradação do ser para o ter. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer, do qual o “ter” efetivo deve extrair o seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda a realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela. Só lhe é permitido aparecer naquilo que ela não é (DEBORD, 2003, p. 18).

A segunda fase evidenciada por Debord encontra correspondência com o pensamento de Schwartzberg (1978), quando o último define o *star system* em política. Nesse horizonte, o homem político enfatiza o parecer, ainda que lhe seja preciso simular ou dissimular. É a composição de um personagem que atrai atenção e impressiona a imaginação que deve ser alcançada. “Atualmente, o poder tem uma fisionomia; a do dirigente que o exerce” (SCHWARTZENBERG, 1978, p. 2).

Segundo as problematizações encampadas por Guy Debord, o espetáculo está focado no seu desenrolar, é no meio de um espetáculo que o público se prende, mesmo que não vá chegar a nenhum lugar específico. Para ele, o espetáculo não precisa acrescentar nada, basta ter um enredo com detalhes atrativos. Na Tese 13, o autor reforça a ideia que vem trabalhando de que o espetáculo não traz nada de novo ao público, de que mostra sempre a mesma coisa – tendo apenas a aparência de novidade, de que ele existe porque ele é o seu próprio fim e que ele vale pelo seu desenrolar: “O caráter fundamentalmente tautológico do espetáculo decorre de o simples fato de seus meios serem, ao mesmo tempo, seu fim. É o sol que nunca se põe no império da passividade moderna” (DEBORD, 2003, p. 17).

O chá-revelação – considerado o maior de todos os tempos – no qual abriu esta sessão exemplifica claramente as discussões de Debord acerca da ideia de que o que vale mais no espetáculo é o seu desenrolar. Na tese 19, Guy Debord corrobora a ideia de que o espetáculo cativa o público pelo sentido da visualidade. Mas, deixa claro, de que o

espetáculo é algo “negativo”, que tem vinculações com a fraqueza do projeto filosófico ocidental:

O espetáculo é herdeiro de toda a fraqueza do projeto filosófico ocidental, que foi um modo de compreender a atividade dominado pelas categorias do ver; da mesma forma, ele se baseia na incessante exibição da racionalidade técnica específica que decorreu desse pensamento. Ele não realiza a filosofia, filosofiza a realidade. A vida concreta de todos se degradou em um universo especulativo (DEBORD, 2003, p. 19, grifos do autor).

Segundo Debord, é através do espetáculo que se dá a construção das necessidades de consumo da sociedade. A Tese 21 demonstra a concepção do pensador sobre o poder de alienação do espetáculo: “À medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, o sonho se torna necessário. O espetáculo é o sonho mau da sociedade moderna aprisionada, que só expressa afinal o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guarda desse sono” (DEBORD, 2003, p. 19).

Outro caso que exemplifica tais discussões encampadas pelo francês é o chá-revelação, onde o espetáculo da vez ganhou a atenção nas redes sociais após um casal tingir uma cachoeira de azul para contar o sexo do bebê, como mostra a Fig. 3. O caso aconteceu em Tangará da Serra-MT.

Figura 3 – Casal tinge cachoeira de azul para chá-revelação



Fonte: Folha de Vitória⁴

⁴<https://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/09/2022/casal-tinge-cachoeira-de-azul-no-mt-para-cha-revelacao-e-recebe-criticas/>. Acesso em 02 de jan. 2023.

O espetáculo é tratado por Debord como um agente de manipulação social e conformismo político, chegando a ser comparado a uma permanente Guerra do Ópio, que tem como objetivos embriagar a consciência dos atores sociais e fazer com que eles se identifiquem com as mercadorias que estão sendo oferecidas pela indústria cultural e venham a consumi-las. Na medida em que o espetáculo é alienante, deixando o público refém da contemplação e atuando na criação de necessidades de consumo para esse público através da publicidade, ele será um agente da indústria cultural e terá totais vinculações com a obtenção de lucro por parte de seus idealizadores.

Considerações finais

Neste texto, objetivamos discutir como os chás-revelação são práticas que generificam os corpos, desde o útero, a partir de uma lógica cis-heteronormativa. Na excentricidade das cores rosa ou azul que demarcam os gêneros, feminino ou masculino, – “é um menino ou uma menina?” –, e as construções de expectativas sobre esse corpo comprovam tal generificação.

No horizonte das discussões encampadas ficou evidente que apesar dos diferentes modos que essas festas podem se utilizar para a pressuposição de um gênero a partir da noção de sexo biológico, a lógica que sustenta a sua existência é mesma: a (de)limitação de fronteiras existenciais que tomam como base de apoio, o discurso da suposta “normalidade” cisheterocentrada. E ainda, reconhecemos que, apesar de ter se popularizado nos últimos anos, a prática dos chás-revelação não inaugura uma nova lógica, pelo contrário, apenas roboriza a uma lógica muito antiga que se apresenta como um artifício de reforço à cisheteronormatividade como elemento supostamente “natural” da humanidade.

Salientamos também que os chás-revelação exemplificam as discussões encampadas pelo francês Guy Debord em *A sociedade do espetáculo* (2003), pois não se pretendem chegar a lugar nenhum. Não precisam acrescentar nada, basta ter enredo com detalhes atrativos.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura**. São Paulo: Editora 34, 2003.

BALISCEI, João Paulo. “Parabéns, é uma criança!”: Cultura visual (heteroterrorizante) nos chás de revelação. *In*: BALISCEI, João Paulo (Org.). **É de menina ou menina? Imagens de gêneros, sexualidades e educação**: Editora Bagai, 1.ed. Curitiba, 2022, p. 18-31.

BALISCEI, João Paulo. **Provoque**: Cultura Visual, Masculinidades e Ensino de Artes Visuais. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto, 2011, p. 549-559.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: editora Autêntica, 2ª edição, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

COUTO JR., Dilton Ribeiro, *et al.* Celebrando a normatização da vida: (re)pensando os corpos infantis arbitrariamente generificados em vídeos de “chás de revelação” do youtube. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. v. 6, n.2, 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Tradução de José da Silva Brandão. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13ª ed. Trad. Maria T. da C. Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PRECIADO, Paul. **Manifiesto contra-sexual** – Prácticas subversivas de identidad sexual. Madrid: Opera Prima, 2002.

PRECIADO, Paul.. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica; tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul. **Um apartamento em urano**: Crônicas da Travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

TURNER, Jonathan H. **Sociologia**: conceitos e aplicações. São Paulo: Marron Books, 1999.